

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3

S.L. 02.009.0 12 12

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3



309325-D

VERBO

NC-X690/98408

*Edição realizada
sob o patrocínio da*
SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

COLABORADORES DO TERCEIRO VOLUME

- Dra. Graça Abranches*
Prof. Doutor Cláudio Aguiar
Prof.^a Doutora Melânia Silva de Aguiar
Prof. Doutor Fernando Aires
Prof. Doutor Carlos d'Alge
Dra. Ana Cristina Almeida
Dra. Isabel Almeida
Dr. Nelson de Almeida
Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida
Dra. Eloísa Álvarez
Dra. Lizir Arcanjo Alves
Prof. Doutor Fernando Pinto do Amaral
Dra. Marta Teixeira Anacleto
Prof. Doutor Carlos Ascenso André
Prof. Doutor Artur Anselmo
Dra. Gabriela Antunes
Dra. Sara Manuela R. M. Augusto
Prof. Doutor Sânzio de Azevedo
Prof. Doutor José Oliveira Barata
Prof. Doutor José Carlos Barcellos
Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Prof.^a Doutora Élvia Bezerra
Prof.^a Doutora Maria Cecília Boechat
Dra. Maria João Borges
Prof.^a Doutora M.^a Luísa Malato Borralho
Prof. Doutor Roberto de Oliveira Brandão
Prof.^a Doutora Ruth Silviano Brandão
Prof.^a Doutora Sónia Brayner
Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu
Prof.^a Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu
Dr. José Camões
Prof. Doutor Alberto Carvalho
Prof.^a Doutora Ana Maria de Bulhões Carvalho
- Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*
Prof. Doutor Vilares Cepeda
Prof. Doutor Guilhermino César
Prof.^a Doutora Ana Cristina Chiara
Dra. Eliana Chiossi
Dr. João Bigotte Chorão
Dr. Jorge Colaço
Prof.^a Doutora Cristina Robalo Cordeiro
Dra. Ângela Correia
Dr. Joaquim Correia
Leonel Cosme
Prof.^a Doutora Vilma Costa
Dra. Fernanda Coutinho
Dr. Duarte Ivo Cruz
Prof.^a Doutora Neyde Vieira da Cunha
Dr. Pedro Balas Custódio
Prof.^a Doutora Lucília de Almeida N. Delgado
Prof.^a Doutora Ângela Maria Dias
Dra. Ana Teresa Diogo
Prof. Doutor Américo António Lindeza Diogo
Dra. Rita Taborda Duarte
Prof. Doutor Adriano Espínola
Prof.^a Doutora Sónia Lúcia Ramalho de Farias
Prof. Doutor António M. Feijó
Dr. Goiamérico Felício
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz
Prof. Doutor Pere Ferré
Dra. Maria Ema Tarracha Ferreira
Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira
Dr. Manuel Ferro
Dr. Albano Figueiredo
Prof.^a Doutora Vera Follain de Figueiredo
Prof. Doutor João Almeida Flor
Dra. Ana Margarida Fonseca

Dr. Edson Nery da Fonseca
Prof.^a Doutora Fernanda Irene Fonseca
Dra. Maria do Céu Fraga
Prof. Doutor António Cândido Franco
Prof. Doutor Manuel da Costa Freitas
Prof.^a Doutora Celina Fontenele Garcia
Dr. Mário Garcia
Prof. Doutor Armando Gens
Prof.^a Doutora Rosa Gens
Prof. Doutor Sérgio Martagão Gesteira
Dr. Paulo J. Pedrosa S. Gomes
Jesué Pinharanda Gomes
Prof. Doutor Renato Cordeiro Gomes
Prof.^a Doutora Elsa Gonçalves
Dra. Henriqueta Maia Gonçalves
Prof.^a Doutora Rosa Maria Goulart
Prof.^a Doutora Pilar Lorenzo Gradín
Doutor Fernando Guedes
Dr. Fernando Guimarães
Prof. Doutor Manuel Gusmão
Prof. Doutor João Adolfo Hansen
Prof.^a Doutora Ana Hatherly
Dr. Mário Hélio
Dr. Eduíno de Jesus
Prof.^a Doutora Maria Saraiva de Jesus
Prof. Doutor Nuno Júdice
Prof. Doutor Milton Marques Júnior
Prof. Doutor Luís Tavares Júnior
Prof. Doutor Luís Krus
Prof.^a Doutora Cristina Mello
Laranjeira
Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira
Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal
Prof.^a Doutora Maria Lúcia Lepecki
Prof. Doutor Eugénio Lisboa
Prof.^a Doutora Ana Cristina Macário
Lopes
Dra. Silvina Rodrigues Lopes
Dr. António Apolinário Lourenço
Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado
Dra. Ana Maria Machado
Prof.^a Doutora Letícia Malard
Prof.^a Doutora Rita Marnoto
Prof. Doutor João Francisco Marques
Dra. Teresa Martins Marques
Prof.^a Doutora Ana Maria
Mão-de-Ferro Martinho
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho
Dr. J. Cândido Martins
Dra. Inocência Mata
Prof.^a Doutora Maria Vitalina Leal de
Matos
Prof. Doutor Walter de Medeiros
Dra. Maria José Meira

Prof. Doutor Gladstone Chaves de
Melo
Prof.^a Doutora Dulce Mindlin
Prof.^a Doutora Maria Teresa Delgado
Mingocho
Dr. José Américo Miranda
Prof. Doutor João Gouveia Monteiro
Prof.^a Doutora Ofélia Paiva Monteiro
Vera L. A. Morais
Prof.^a Doutora Paula Morão
Prof.^a Doutora Fátima Freitas Morna
Dra. Isabel Morujão
Dr. Murilo Marcondes de Moura
Dra. Rita Moutinho
Prof. Doutor Aires A. Nascimento
Prof.^a Doutora M. Terezinha M. do
Nascimento
Dr. Júlio Taborda Azevedo Nogueira
Dra. Lucila Nogueira
Dra. Virgínia de Carvalho Nunes
Dr. A. de Oliveira
Dr. Fernando M. Oliveira
Dr. José Manuel Oliveira
Dr. Paulo F. Motta Oliveira
Dra. Maria Cristina Pacheco
Prof.^a Doutora Laura Cavalcante
Padilha
Dr. José Rodrigues de Paiva
Prof.^a Doutora Rosário Santana Paixão
Prof.^a Doutora Sylvia Paixão
Dra. Carme Villarino Pardo
Prof. Doutor J. Almeida Pavão
Dr. Sérgio Alves Peixoto
Dr. J. C. Seabra Pereira
Prof.^a Doutora M. H. Rocha Pereira
Dr. Paulo J. Silva Pereira
Dr. Abílio Perfeito
Dra. Maria da Graça Pericão
Prof. Doutor Sebastião T. de Pinho
Prof. Doutor José Alves Pires
Prof.^a Doutora Maria Lucília Gonçalves
Pires
Dra. Maria da Natividade Pires
Prof. Doutor António Pedro Pita
Prof. Doutor Francisco Salinas Portugal
Prof. Doutor A. Costa Ramalho
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo
Prof. Doutor Carlos Reis
Prof.^a Doutora M. Luíza Ritzel
Remédios
Prof.^a Doutora Beatriz Resende
Prof.^a Doutora Cristina Almeida
Ribeiro
Prof.^a Doutora Maria Aparecida Ribeiro
Prof.^a Doutora Clara Rocha

Prof.^a Doutora Maria Isabel Rocheta
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues
Prof. Doutor Urbano Tavares
Rodrigues
Prof. Doutor José Luís Rodríguez
Prof. Doutor Lourenço do Rosário
Prof. Doutor Gustavo Rubim
Prof.^a Doutora Maria das Graças
Moreira de Sá
Paulo Samuel
Dra. Maria Helena Santana
Prof.^a Doutora Maria Eduarda Borges
dos Santos
Dra. Maria Helena Duarte Santos
Dra. M. do Rosário Girão Ribeiro dos
Santos
Prof. Doutor António Carlos Secchin
Dra. Ana Margarida Falcão Seixas
Prof.^a Doutora Ângela Senra
Prof.^a Doutora Teresa Seruya
Dra. Celina Silva
Prof. Doutor Francisco Maciel Silveira

Prof. Doutor Osvaldo Silvestre
Dra. Maria João Simões
Dr. Carlos Mendes de Sousa
Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa
Dr. João Rui de Sousa
Prof.^a Doutora Gilda Salem Szklo
Prof. Doutor Miguel Tamen
Dr. Hélio Teixeira
Dra. Helena M. R. A. Costa Toipa
Dr. Luís Forjaz Trigueiros
Dra. Maria Luísa Urbano
Dra. Helenice Valias
Dr. Taborda de Vasconcelos
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga
Dr. Miguel Viqueira
Dr. João Conde Veiga
Prof. Doutor José Carlos Venâncio
Dr. António Ventura
Dra. Evelina Verdelho
Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
Prof.^a Doutora Maria Helena Werneck
Prof.^a Doutora Regina Zilberman

É ainda perante a possibilidade de indecidibilidade que nos colocamos quando entendemos as teorias enquanto M. Se elas não se situam no exterior da linguagem de apresentação dos dados a explicar, há sempre o risco de não se poder distinguir absolutamente os termos dos dois níveis. O que não significa que as teorias, como as M., não sejam fiáveis, mas sim que não são absolutas. É por conseguinte sempre possível falar de uma teoria sobre qualquer aspecto do literário como de uma M., tendo em conta que o campo literário admite uma pluralidade de M. que incidem sobre aspectos parciais, mas não admite uma M. absoluta.

BIBLIOGRAFIA: R. Carnap, *Introduction to Semantics*, Cambridge, 1946; Umberto Eco, *Segno*, Milão, 1973; L. Hjelmlev, *Prolegomena to a Theory of Language*, Madison, 1961; A. Tarski, *Logique, sémantique, métamathématique*, Paris, 1971.

Silvina Rodrigues Lopes

METÁSTASE

De acordo com H. Morier, no seu *Dictionnaire...*, trata-se de uma figura de retórica que consiste em imputar a outrem ou a circunstâncias julgadas imperiosas um acto ou uma falta que se cometeu ou se está em vias de cometer. É o caso de uma ordem a cumprir ou de um acaso absolutamente imperioso. Genericamente, uma guerra, uma doença, um acidente, uma catástrofe natural e, não raro, o vinho ou mesmo o amor podem assumir o estatuto de tal circunstância absolutamente intranscendente.

No entanto, a generalidade dos compêndios de Retórica registam a *metástase* ou *metábase* como figura que consiste numa transição que permite ao orador ou ao enunciador passar de um assunto a outro. Nas *Geórgicas*, Virgílio diz: «Até aqui falei da cultura dos campos e dos signos celestes; agora falarei de ti, ó Baco, e das árvores silvestres também.» Esta figura foi depois muito cara aos pregadores, especialmente durante o Barroco. O P.^e António Vieira utiliza-a recorrentemente como forma de encadear o seu discurso e clarificar o nexos da estrutura oratória. Veja-se o seguinte caso: «Até aqui temos visto a parte da vitória e defesa da cidade que tocou ao Senhor

(*propter me*), que foi o muro. Agora veremos a que tocou ao servo (*et propter servum meum*), que foi o antemural» («Sermão de Sto. António», *Sermões*, t. VI). Esta figura admitia, por sua vez, algumas subespécies como a *paralepse* ou *paralipse* e a *sermocinatio*, que se distinguem basicamente pela forma como a transição discursiva é operada e pelos objectivos que lhes estão na base: a omissão no primeiro caso, o fingimento e a recriação no segundo.

BIBLIOGRAFIA: Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, trad., pref. e aditamentos de Rosado Fernandes, Lx., 1982, pp. 100, 102, 254-256; Henri Morier, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, Paris, 1975, p. 717; Bento Rodrigo Pereira de Sotto-Maior e Menezes, *Compendio Rhetorico, ou Arte Completa de Rhetorical*, Lx., 1794, pp. 240-242.

Albano Figueiredo

METASTASIO (Pietro)

Poeta imperial a partir de 1730 (Roma, 1698-Viena, 1782), o seu nome ficou para sempre ligado à reforma que, na sequência da acção de Apostolo Zeno, trouxe ao melodrama setecentista, sobretudo na dignificação literária dos libretos, na valorização do carácter sentimental e heróico da acção, na observação das regras do racionalismo arcádico e na recuperação do *intermezzo* como um elemento de atracção do espectáculo. Inicialmente integrado nos meios intelectuais romanos e napolitanos, deve a sua formação a Gravina e os princípios estéticos por que se regeu em muito coincidem com os da Arcádia Romana. Já conhecido como autor de composições poéticas de curta dimensão (epitalâmios, cantatas, elegias, cançonetas, idílios) e de uma tragédia (*Giustino*, de 1717), foi em 1724 que alcançou fama com a apresentação do melodrama *Dido-ne abandonata*. Inicia-se, então, o seu período mais produtivo, durante o qual elabora composições de carácter sacro, como *Per le festività del SS. Natale* (1727), ou para as festas teatrais com *La contesa dei Numi* (1727), além de alguns dos melodramas depois mais divulgados: *Catone in Utica* (1727), *Ezio* (1728), *Semiramide riconosciuta* e *Alessandro nelle Indie* (1729) ou *Artaserse* (1730).

A sua actividade na corte imperial vie-

nense dá lugar a uma produção mais intensa. Além de oratórias, cantatas, oitavas, cançonetas (algumas tornadas famosas, como *La libertà*) e festas teatrais, é a produção melodramática que o projecta para os palcos do mundo: *Demetrio*, *Isippile*, *Adriano in Siria*, *Olimpiade*, *Demofonte*, *La clemenza di Tito*, *Temistocle* e *Attilio Regolo* são algumas das obras mais representadas na época. As composições posteriores tornam-se cada vez mais espaçadas: *Ipermestra* e *Antigono*, em 1744, *Il re pastore*, *L'Eroe cinese* e *Nitteti*, entre 1751 e 1756, *Il trionfo di Clelia* e *Romolo e Ersilia*, em 1765 e, por fim, *Ruggero*, em 1771. No campo da estética e da crítica literária, a ele se devem um *Estratto della Poetica d'Aristotile* e *considerazioni su la medesima*, bem como algumas notas sobre a tradução da *Poética* de Horácio.

A divulgação da obra de Pietro Metastasio em Portugal representa um dos fenómenos de recepção mais complexos e mais ricos no âmbito da produção dramática setecentista: conhecido no original, é também difundido em traduções espanholas e francesas e, necessariamente, em língua portuguesa, tanto em prosa como em verso, através de edições mono ou bilingues. Contudo, neste último caso a questão apresenta ainda diferentes cambiantes: desde traduções mais ou menos fidedignas ao texto original, a traduções livres e a versões que adaptavam o texto «ao gosto português», a gama de alternativas possibilitava diferentes tipos de abordagem do mesmo texto de partida. Por outro lado, permitia-se a transformação dos originais destinados ao acompanhamento musical em textos para representação declamada, de acordo com a preparação estética e a preocupação moralizadora dos tradutores. Autor de eleição para um público aristocrático (o que muito facilitou a sua representação em teatros da corte, como os da Ópera do Tejo, da Ajuda, de Queluz ou de Salvaterra), nem por isso as adaptações dos seus textos impediram que se transformasse num dos autores mais representados dos teatros populares, sobretudo em Lisboa, no Porto ou até na ilha da Madeira, lugares onde o gosto pela arte dramática se encontrava mais

desenvolvido. Em termos genológicos, as obras melodramáticas, normalmente designadas por *comédias*, logo dão lugar a *comédias*, *comédias novas* e *comédias famosas*, distinção esta que reflecte essas diferentes atitudes de tratar o texto original e vêm a permitir a inclusão da obra metastasiana no caudaloso património do «teatro de cordel» setecentista, aí já despida de todo o requinte, brilho, harmonia e suavidade do texto original, para se adequar aos adornos grosseiros do puro divertimento.

O processo mais recorrente de «aportuguesar» alguns textos de P. M. prevê a inserção de uma linha de acção cómica, paralela e secundária, apresentada com um «gracioso», que introduz um enredo burlesco de natureza amorosa no qual uma rapariga é muitas vezes disputada por dois pretendentes, de nomes caricatos e sugestivos, que suscitam a hilaridade do público. Em paralelo, verifica-se uma intensificação da componente psicológica e uma mobilidade cénica mais acentuada, com o objectivo de aligeirar o peso da acção e de acelerar o desenvolvimento das situações. Com isso se perde frequentemente de vista a mensagem própria da composição original italiana. Outras intervenções dos tradutores assumem uma variada gradação de procedimentos, que vão da paráfrase mais ou menos fiel à introdução de novas cenas e personagens (criados e graciosos), num claro processo de amplificação, passando por cortes, reduções ou mutações, acentuando nas obras daí resultantes um espírito de farsa, numa verdadeira apologia da astúcia, onde tudo era permitido, desde que agradasse ao público.

Se bem que seja possível detectar algumas influências do teatro de P. M. na produção dramática de António José da Silva, em termos concretos só é possível rastrear os primeiros indícios da sua difusão em Portugal na década de 30. Mas os valores mais expressivos quanto ao número de representações e edições alcançam-se nas décadas de 60-80 de Setecentos, para decrescerem na década de 90, sendo todavia possível encontrar alguns momentos de relativo esplendor no séc. XIX.

Os principais responsáveis conhecidos

pela tradução e adaptação de P. M. ao gosto português são Alexandre António de Lima (*Adriano em Síria, Filinto Perseguido*); Nicolau Luís, com *Vencer-se É Maior Valor ou Alexandre na Índia, Artaxerxes, Semíramis reconhecida*, além de c. mais 20 adaptações que lhe são atribuídas); Francisco Luís Ameno, por vezes sob o pseudónimo-anagrama de Fernando Lucas Alvim, que reúne em 2 vols. de *Teatro Dramático ou Colecção das Óperas Que Compôs na Língua Italiana o Abade Pedro Metastasio* e neles inclui nove obras: seis traduções mais literais num 1.º vol. e três adaptações em verso e em prosa; Caetano José da Silva Souto Maior, que apenas publicou um vol., de outros previstos, das *Óperas de Metastasio*; João Carneiro da Silva, autor de um vol. de *Composições Dramáticas de P. M.*, que inclui *Artaxerxes, Adriano na Síria e Demétrio*; José de Mesquita Falcão, que edita *A Valorosa Judith ou Bethulia Libertada*. Também Filinto Elísio, i. é, Francisco Manuel do Nascimento, traduziu *Antígono em Tessalónica*, com o pseudónimo de Fonseca Minc's Noot. A par deste caudal de traduções e adaptações, a Marquesa de Alorna não ficou imune à influência de P. M., e, além de o imitar nalgumas «cantigas», dirige-se-lhe directamente em verso, em resposta a uma quadra que o poeta lhe dedicara. É ainda sob a sua égide que Manuel Maria Barbosa du Bocage compõe uma versão de *Attilio Regolo*, que se perdeu.

No entanto, no campo da crítica e da teoria literária, Manuel de Figueiredo, n' *Os Censores do Teatro*, tece uma violenta campanha contra o teatro italiano, em geral, e, em particular, contra P. M. e seus seguidores; em 1766, Correia Garção, nas *Dissertações*, faz de P. M. o seu alvo predilecto e, em *Teatro Novo*, revela explicitamente a saturação das suas representações feitas «entre velhas cortinas e sem orquestra», numa apologia clara da renovação do gosto literário. Apesar disso, na mesma década, o abade Francisco Bernardo de Lima, na *Gazeta Literária* (Porto, 1762-1763), ainda tece rasgados elogios ao poeta imperial e à ópera italiana em geral. De igual modo, na *Arte Poética* de Francisco José Freire, P. M.

é louvado pelo uso moderado que faz das rimas consoantes a alternarem com versos soltos, apesar das considerações agrestes contra o drama musicado. No século seguinte, Garrett assume igual atitude, censurando o velho poeta por desprezar as unidades aristotélicas e defender o verosímil na arte dramática, apesar de o acusar de contribuir para a degradação de um teatro português original, enquanto Alexandre Herculano lamenta os danos por ele causados ao teatro nacional, muito embora nele reconheça a capacidade de lutar pela dignificação e independência da ópera. António Feliciano de Castilho rende preito a P. M. e Júlio de Castilho ainda traduz o fascínio que sente perante as suas obras. A estrela do «poeta cesáreo» entrara, pois, em definitivo declínio.

TRADUÇÕES: *Adriano em Síria e Filinto Perseguido*, por Alexandre António de Lima; *Achilles em Sciro, Alexandre na Índia, A Clemência de Tito, Zenóbia em Arménia, Demofonte em Trácia, Antígono em Tessalónica, Semíramis, Farnace em Eraclea, Vologeso e Berenice e Temístocles*, por Fernando Lucas Alvim; *Adriano na Síria*, em que o tradutor assina com o seu verdadeiro nome, Francisco Luís Ameno; *O Mais Heróico Segredo ou Artaxerxes, Semiramis, A Mais Heróica Virtude ou Zenóbia em Arménia, As Rigorosas Leis da Amizade Cumpridas em Olimpiade, Issipile em Lemnos ou os Erros de Learco Premeados, Vencer-se É maior Valor ou Alexandre na Índia, Mais Vale Amor do Que Um Reino ou Demofonte em Trácia*, por Nicolau Luís; *O Príncipe Pastor ou Ciro Reconhecido, Antígono em Macedónia, Alexandre na Índia, Siroe em Selúcia, O Asilo do Amor, O Templo da Eternidade, O Heroe da China*, por tradutor anónimo; *Artaxerxes, Adriano na Síria e Demétrio*, por João Carneiro da Silva; *Antígono em Tessalónica*, por Filinto Elísio; verdadeiras adaptações constitui o grupo que inclui *A Valorosa Judith ou Bethulia Libertada*, por José de Mesquita Falcão, ou *Achilles Disfarçado, Emira em Susa ou Fugir à Tirania para imitar a Clemência, Gricelda ou a Rainha Pastora, Laura Reconhecida, Themistocles, Neocle na Pérsia, Vencer Ódios com Finezas, Didone, Achilles em Sciro*; inédita permaneceu a tradução de *Temistocles*, de Nuno Álvares Pereira Pato Moniz; de outras obras apenas restam referências, sem que o texto tenha chegado até nós. Das obras de inspiração religiosa refiram-se igualmente as traduções de *Izac, Figura de Jesu Christo e A Paixão de Jesu Christo*.

BIBLIOGRAFIA: Aníbal Pinto de Castro, «Prefácio» ao *Catálogo da Colecção de Miscelâneas. Teatro*, Coimbra, 1974; *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. XI, n.º 3, LX., 1970; G. Carlo Rossi, *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto, 1973; id., «Per una storia del teatro italiano del settecento (Metastasio) in Portogallo», in *Annali dell'Istituto Universitario Orientale. Sezione Romanza*, X, 1, Nápoles,

1968, pp. 95-147; id., «Ancora due Traduzioni Settecentesche Portoghesi dal Metastasio», in *Annali dell'Istituto Universitario Orientale. Sezione Romanze*, XIV, 2, 1972, pp. 367-382; id., «A influência italiana no teatro português do século XVIII», in *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, Lx., 1947, pp. 279-334; José da Costa Miranda, «Edições Portuguesas do Teatro de Pietro Metastasio (Século XVIII): Distribuição Cronológica e Significado», in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. xiv, n.º 1, Lx., 1973, pp. 163-173; José da Costa Miranda, «Pietro Metastasio: Alguns apontamentos sobre o poeta dramático e partituras manuscritas da Biblioteca da Ajuda», in *Biblioteca da Ajuda: Revista de Divulgação*, 1 (1), 1980, pp. 71-70; José da Costa Miranda, «No II Centenário da morte de Metastasio», in *Revista Lusitana*, Nova Série, n.º 3, 1982-1983, pp. 155-161; id., «O teatro de Metastasio em Portugal», in *Estudos Luso-Italianos*, Lx., 1990, pp. 220-256; id., «Júlio de Castilho e Metastasio (Breves Apontamentos)», in *Estudos Luso-Italianos*, Lx., 1990, pp. 256-260; id., «Novos Apontamentos para um futuro estudo sobre o teatro de Metastasio em Portugal, no século XVIII», in *Estudos Italianos em Portugal*, 38-39, 1975-1976, pp. 125-144; Luciana Stegagno-Picchio, *Storia del Teatro Portoghese*, Roma, 1964; Teophilo Braga, *História do Teatro Português. A Baixa Comédia e a Ópera*, Porto, 1861.

Manuel Ferro

METONÍMIA

(Grego «mudança de nome», latim *denominatio*). Categoria retórica definindo-se, na sua operatividade clássica, como «tropo» («figura numa só palavra»), ou, na sua operatividade moderna, como meta-princípio de teorizações prosódicas, psicanalíticas ou linguísticas, numa regência binária habitualmente concertada com a metáfora [os dois «cães de faiança» (Genette, 1972a) do prolixo retoricismo contemporâneo]. Nos termos da retórica clássica, é um tropo por «correspondência» ou «correlação»: consiste na «designação de um objecto pelo nome de outro objecto que constitui como ele um todo à parte, mas que lhe deve, ou a quem ele próprio deve, de algum modo, a sua existência ou o seu modo de ser» (Fontanier). A tipologia mais económica deste tipo de deslocação retórica inclui a denominação do efeito pela causa («ler Pascoaes» em que «Pascoaes» está por «a obra de Pascoaes») ou da causa pelo efeito («pálida morte» em que «pálida» está pelo resultado plástico que a morte irá provocar em quem a sofre), a do conteúdo pelo continente («beber um copo» por «beber

o vinho contido no copo») ou do continente pelo conteúdo («um fogo» por «uma habitação que encerra o lugar do fogo»), e a de um domínio dado pelo instrumento («uma pena eloquente» por «uma escrita eloquente»), ou de um fenómeno social por um símbolo instrumental ou convencional («as armas» por «a carreira militar»).

O traço eminentemente distintivo deste tropo encontra-se, na definição de Fontanier *supra*, na expressão «que constitui como ele um todo à parte». Radica aí a distinção entre metonímia e sinédoque. A implicação de domínios que a sinédoque tipicamente actualiza é uma relação de inclusão ou dependência interna [género-espécie, parte-todo («quinze primaveras» por «quinze anos», p. ex.)], enquanto a M. estabelece uma relação entre totalidades distintas que adventiciamente se ligam no tropo numa relação de dependência externa (causa-efeito, continente-conteúdo). A alteração de denominação a que procede a sinédoque dá-se no interior de um mesmo plano conceptual, enquanto que na M. se ultrapassa o plano conceptual ao implicar-se, por contiguidade, «um fenómeno da realidade com as realidades que o rodeiam» de modo próximo (Lausberg). Este abandono do domínio conceptual originário que a M. exhibe cria momentos de indistinção com um «tropo de salto» como a metáfora: na metáfora «Aquiles é um leão» pode ler-se a relação entre «Aquiles» e a natureza do leão como uma «participação real», tornando-se desse modo a metáfora «uma metonímia de valor mágico». Por outro lado, o abandono do plano conceptual cria «analogias susceptíveis de amplificação entre o plano da noção *proprie* e o plano da noção do tropo de modo que a metonímia pode ser alargada até à alegoria», que é uma figura, e não um tropo, pois excede os limites de uma só palavra («abandonei a toga pelas armas») (Lausberg). Há, ainda, M. aparentes, como, p. ex., «um Matisse» por «um quadro pintado por Matisse», que são, mais precisamente, «catacreses de metonímias», pois a expressão «um Matisse» não substitui nenhuma denotação singular própria, a não ser, eventualmente, o circunlóquio,